

ORGANIZAÇÃO TRANSVERSAL DO CONHECIMENTO: POSSIBILIDADES NA ÁREA DA INFORMAÇÃO¹

Resumo

Reflexão crítica sobre a compartimentalização do conhecimento e a disciplinaridade, elementos impeditivos do diálogo entre conteúdos. Apóia-se no pensamento acadêmico sobre o tema em 73 artigos de periódicos brasileiros na área de ciência da informação, relacionados à organização do conhecimento, para identificar propostas de superação à cisão disciplinar vigente, ou de rupturas morfológicas na constituição de programas de ensino. Com o intuito de contribuir para a transformação das estruturas curriculares rígidas, perceptíveis na crítica à prática da construção curricular, conclui tanto pela possibilidade de inclusão dos chamados temas transversais nos programas de ensino, quanto por uma configuração transversal como método de facilitar a relação entre saberes nos cursos de ciência da informação.

Palavras-chave: Ensino superior. Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Transversalidade.

TRANVERSAL ORGANIZATION OF THE KNOWLEDGE: POSSIBILITIES IN THE FIELD OF INFORMATION

Abstract

This study synthesizes critical considerations about knowledge compartmentalization and disciplinarity, considered impeditive elements of dialog between subjects. The analysis is supported by academic thinking about the subject knowledge organization, identified by means of an analysis in 73 Brazilian scientific journal articles in the field of Information Science, aimed to identifying proposals to overcome the current disciplinal dissention or morphological ruptures in curricula constitution. Aiming at contribute to the transformation of the strait-laced frames in teaching programs, perceptive in the criticism of curricular construction, it concludes indicating the possibility for inclusion of transversal subjects in teaching programs, in order to organize the knowledge in information field to facilitate the relation between organization learning and transversal subjects or another curricular component within students needs, considering their relations with Information Science.

Key-words: University teaching. Interdisciplinarity. Transdisciplinarity. Transversality.

Leilah S. Bufrem

Doutora em Ciências da Comunicação da USP e pós-doutora pela Universidad Autonoma de Madrid. Professora Titular do Departamento de Ciência e Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná. leilah@ufpr.br

Juliana L. Freitas

Aluna do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). ju.lazzarotto@yahoo.com.br

Francisco D. de O. Costa

Aluno do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). franciscodaniel@gmail.com

¹ Apresentado no VIII CIFORM.

1 INTRODUÇÃO

Críticas contemporâneas à organização dos conteúdos curriculares em qualquer área do conhecimento dirigem-se especialmente a sua característica reducionista, assumida historicamente como uma das facetas resultantes da especialização. Presente nos sistemas educacionais, esse fenômeno provoca uma disposição seriada e fragmentada em especializações, desdobrando-se em duas vertentes, uma de natureza argumentativa e outra metodológica. Ambas estão presentes na estruturação curricular, historicamente marcada pela excessiva compartimentalização, fruto da chamada disciplinaridade. Ao atentar-se ao seu referencial semântico, visualiza-se o duplo sentido que o conceito de disciplina oferece, tanto quanto à delimitação de um campo específico do saber, quanto à hierarquização de conhecimentos e às relações de poder dela decorrentes, ambos oriundos do paradigma positivista clássico da ciência, fundante e norteador do pensamento ocidental. Assumindo-se como pressuposto uma cisão entre homem e natureza, sujeito cognoscente e objeto cognoscível, apresenta-se como caminho possível e verdadeiro para construir o conhecimento. Consolidada pelas circunstâncias históricas do desenvolvimento da sociedade, segundo concepção de Santos (2005), essa posição reflete a importância das classificações e categorizações como um método didático para se estruturar os conhecimentos, tanto os científicos quanto os técnicos. Entretanto, não se pode ignorar que há uma dinâmica histórica, na qual os saberes se enredam, se misturam, se transformam, se configuram e se historicizam, influenciados pelas múltiplas dimensões da realidade concreta.

A crítica às disciplinas como saberes especializados, sujeitos a uma organização aparentemente coordenada, coloca-se contra as fronteiras rígidas e pseudo-autônomas, impeditivas do diálogo entre conteúdos. Ao argumentar contra o progresso cumulativo da ciência, Morin (2000) percebe a incompatibilidade entre essa visão e a forma de organização da realidade social complexa em que se situam os programas de graduação e que dificultam os rumos para uma formação compromissada com a transformação social. Isto vai exigir propostas de uma nova disposição dos arranjos de conteúdos e procedimentos metodológicos para sua apresentação.

Quando a atenção se volta ao tratamento de um domínio do conhecimento, como ocorre neste trabalho, cujo foco específico é o dos saberes relativos à área do tratamento e organização da informação, a análise e a interpretação dessa conjuntura realiza-se a partir da crítica ao modo de organização do conhecimento nos currículos de biblioteconomia, ciência e

gestão da informação atuais. Pergunta-se, portanto, se as propostas de transformação das estruturas curriculares, perceptíveis na literatura em Ciência da Informação no Brasil, dirigem-se a superação desse estado de coisas. Dessa forma, o propósito desta reflexão é investigar até que ponto a reflexão acadêmica sobre a transdisciplinaridade e a transversalidade na organização do conhecimento poderá superar a cisão disciplinar vigente. Importa também discutir se a adoção de um currículo com temas ou conteúdos transversais pode conduzir ou não a uma forma transversal de distribuição e agregação de conteúdos, de acordo com sua natureza e especificidade.

Algumas tentativas de solucionar o problema da fragmentação disciplinar já se apresentam no contexto educacional, o que não invalida a discussão sobre a viabilidade de aplicar ao currículo propostas sugestivas de uma organização transversal do conhecimento. Portanto, procura-se aqui revelar, nos artigos analisados, propostas de construção curricular alternativas à forma disciplinar, já que essa tem sido tão duramente criticada.

2 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A análise de artigos de periódicos, recurso privilegiado nesta pesquisa exploratória sobre a literatura científica da área de ciência da informação, ensejou a percepção de concepções, enfoques e tendências projetadas pelos autores, possibilitando a construção de um paradigma indiciário sobre a organização transversal do conhecimento. Esta perspectiva indiciária, apontada por Ginzburg (1989), fundamenta-se em estudos cuja preocupação é conhecer as minúcias, detalhes e ocorrências residuais, como indícios, pistas e signos, valorizando o que muitas vezes é negligenciado em estudos quantitativos. Nesse sentido, o “paradigma indiciário” é o saber conjectural aplicado nos mais diversos domínios do conhecer e do fazer na vida cotidiana.

Organizando-se as unidades temáticas pela eleição dos artigos relacionados à questão, guiou-se o estudo por uma visão indicial, aqui considerada proveitosa como ponto de vista epistemológico e pertinente enquanto perspectiva de investigação sobre a constituição de propostas curriculares. Realizou-se uma investigação focalizada em *corpus* de 73 artigos da Base Referencial de Artigos de Periódicos da Área de Ciência da Informação (Brapci), orientando-se a busca pelos termos tema transversal, temas transversais, transversalidade,

interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, nos campos correspondentes aos títulos, palavras-chave e resumos.

Procedeu-se então a análise a partir da reunião e integração dos dados obtidos ao longo do estudo, de sua interpretação relativa ao contexto estudado, de forma a se compreender a abrangência, a efetividade e o significado das propostas alternativas para a construção e a organização do conhecimento.

3 CONSTRUINDO CONCEITOS

A posição de Morin (2000) é clara quanto à disposição disciplinar no conjunto mais abrangente de domínio científico. Entretanto, o autor alerta para a tendência à autonomia que ela apresenta. Segundo ele, a disciplina é uma categoria organizadora,

[...] ela institui a divisão e a especialização do trabalho e responde à diversidade das áreas que as ciências abrangem. Embora inserida em um conjunto mais amplo, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação das fronteiras, da linguagem em que ela se constitui, das técnicas que é levada a elaborar e a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias (p. 105).

O termo interdisciplinaridade sugere a coexistência, a convivência de várias disciplinas diferentes sem que, necessariamente, se comuniquem, se intercambiem, se complementem ou se atravessem mutuamente em seus conteúdos, de forma a concorrerem para a construção de um conhecimento global complexo, de um projeto ou de uma nova disciplina.

Por sua vez, o conceito de transdisciplinaridade evoca a complementaridade, da qual pode prescindir a interdisciplinaridade e sugere a integração, assim como a construção necessariamente conjunta do conhecimento, a partir de sua inserção micro e macro social.

Ao defender a prática da transdisciplinaridade Santos (2005) argumenta sua dependência da reconceitualização do conhecimento, decorrente por sua vez da integração de princípios como o holográfico (conexão entre partes e todo), o da complementaridade (os opostos se complementam), o da autopoiese (o ser vivo como um sistema que se auto-reconstrói) e o da incerteza (ambigüidade da vida e do conhecimento). Esses por um lado ampliam o senso comum, por outro se contrapõem a este.

A práxis científica, a divisão, o recorte cartesiano da realidade em tantas partes quantas necessárias à descrição e explicação dos fenômenos gerou fragmentação dos conhecimentos em áreas específicas, de cuja autonomia resultou o saber científico especializado, uma compartimentalização do conhecimento em disciplinas múltiplas que começaram a nascer e se desenvolver com o objetivo precípuo de fundamentar e legitimar as ciências.

A proposta interdisciplinar surgiu para proporcionar o trânsito entre os vários compartimentos do saber contemporâneo. Deve-se perguntar: essa proposta dá conta de superar a histórica compartimentalização do saber? Gallo (1997) defende que não, e propõe sua superação, tomando por base um novo paradigma para a compreensão do conhecimento: o rizoma e a transversalidade.

O paradigma da complexidade na forma proposta por Morin (1994) indica a diferença existente entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Para o autor, a interdisciplinaridade não apresenta condições específicas para existir, como a intensidade das trocas entre as disciplinas e seus níveis de integração. O autor aponta uma possibilidade que vai além da inter e da transdisciplinaridade, ou seja, a construção de um conhecimento meta disciplinar:

[...] o importante não é apenas a idéia de inter e transdisciplinaridade. Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significando ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada (MORIN, 2000, p. 115).

A tese de Morin defende a compreensão da realidade em toda a complexidade, em seu percurso passado, presente e futuro, em sua totalidade dialógica e não apenas por suas partes – de vez que estas não são redutíveis ou remissíveis ao todo e vice-versa – com todos os seus antagonismos, conflitos e contradições. Deve-se abranger, portanto, toda sua dinâmica interativa recorrente de organização, desorganização e reorganização onde o homem, em todos os seus aspectos, seja definitivamente considerado co-participante, no que pese não ser apenas construído, mas também construtor dessa realidade.

A abordagem transversal proposta por René Barbier (1997) como teoria psicossociológica, existencial e multi-referencial da educação, é uma abordagem teórico-

metodológica pela qual o pesquisador, necessariamente implicado em seu campo de estudo, parte da existencialidade interna dos sujeitos com os quais trabalha, explorando, nessa existencialidade, o que se desvela nas instâncias psico e sócio-afetivas, situadas em torno das situações emocionais vividas e como essa existencialidade se expressa, sobretudo, através dos produtos, das práticas e dos discursos que estes sujeitos estabelecem quando em interação na sociedade. Para que consigamos apreendê-la em toda sua essência e extensão, é necessário que se compreenda esse sujeito transversalmente, ou seja, em todas as suas dimensões imaginárias: a pessoal-pulsional, fonte de seus desejos e sentimentos; a social-institucional, fonte das significações sociais coletivas que são próprias ao meio que o inscreve e circunscreve e a sacral, fonte das forças insondáveis e inesgotáveis do universo. E essa dimensão transversal apenas se dá a conhecer quando dos sujeitos se lhes permite “escutar”, se lhes permite (des)velar, o não dito, o interdito, o velado.

4 ATORES

São atores no processo professores, coordenadores e alunos, nessa ordem, pois a construção curricular, organizada pelos dois primeiros grupos de atores precede, mas se orienta para os alunos, os quais mobilizam as estruturas e suas próprias estruturas com o renovar incessante de suas realizações concretas.

Afastando a discussão sobre a existência ou não de um ator centralizador nesse cenário, podem-se visualizar duas posições contraditórias. A primeira, decorrente da visão tradicionalista do ensino, com referência a forma de apresentação de conteúdos, partindo de seus planejadores e professores, em direção ao sujeito, receptor e pouco participativo. A segunda, com abertura para temas cotidianos e vitais, não necessariamente conteúdos curriculares, mas passíveis de apresentação e trabalho, juntamente com os domínios prescritos a partir das escolhas realizadas.

Os atores, nesse contexto, representam papéis de maior ou menor relevância, na dependência da origem das decisões e, conseqüentemente, convivem, presenciando ou participando das relações de força que então são perceptíveis.

5 RELAÇÕES NO CENÁRIO

A questão da disciplinaridade do saber, extensamente analisado por Foucault, tanto em seu aspecto de produção/organização, como no de hierarquização política, explicita a íntima relação do saber organizado em disciplinas com a compartimentalização, para cuja representação o autor escolhe a imagem do arquivo, objeto expressivo dos processos ordenadores. A avaliação das disciplinas básicas do currículo, a partir das críticas e da inadequação perceptível no processo disciplinar, levou pesquisadores à ponderação de que, embora as unidades disciplinares sejam necessárias para acessar o conhecimento acumulado, elas não dão conta das necessidades de compreensão de temas que envolvem as problemáticas sociais do cotidiano, como violência, preconceito, saúde e ambiente (BRASIL, 1997). Desse modo, os currículos carecem de conteúdos cuja natureza exige um tratamento não caracterizado por dosagens ou fragmentos, mas por discussões abertas e passíveis de permear as atividades escolares e extra-escolares.

Os temas transdisciplinaridade e multidisciplinaridade mostram presença em relação mais próxima com as áreas de educação e leitura, nos diferentes níveis de ensino.

Por sua vez, o tema interdisciplinaridade foi muito representativo nas reflexões dos autores do domínio científico da ciência da informação, sendo objeto principal de oito artigos e tema relacionado com a mesma área em 52 textos analisados. Refletindo a relação entre o sujeito e o seu contexto para a formação do conhecimento a interdisciplinaridade é interpretada pelos autores, sob pontos de vista diversos. Sua presença dentro do campo da ciência da informação é analisada por Smit, Tálamo e Kobashi (2004), ao se reportarem à imprecisão na representação de seu corpo conceitual ou terminologia, pois sua referência interdisciplinar é facilmente substituída pela noção de junção ou reunião. Esse fato denota uma preocupação na organização e delimitação epistemológica da área, decorrente de uma visão deturpada da característica interdisciplinar dessa ciência.

Contribuindo para a superação da equivocidade que envolve o conceito, Pombo (2005) propõe a estabilização do sentido da palavra interdisciplinaridade. Ao denunciar o caráter recorrente com que o conceito, apesar de equívoco, continua a ser utilizado, a autora o identifica com a procura de uma resposta positiva para o fenômeno avassalador da especialização, defendendo que a interdisciplinaridade é a manifestação de uma transformação epistemológica em curso e apontando suas conseqüências principais: o alargamento do conceito de ciência e a transformação da universidade.

Identificou-se o termo interdisciplinaridade em 13 artigos cujo foco é a educação, justificando-se a afirmação de que são temas contíguos, pois “tratam de um mesmo objeto de ciência, a ciência da educação” (INSTITUTO PAULO FREIRE, [1998]). O fato é legitimado quando se têm a educação como processo formador de identidades, claramente influenciado pelas culturas dos diversos ambientes em que está inserida ou também, cenários propícios para a ocorrência da transversalização do conhecimento.

Acentuado pelos efeitos da escrita e os desdobramentos tecnológicos sucessivos, o tema da ruptura disciplinar é apropriado pela literatura periódica em ciência da informação a partir da década de 1980. Os trabalhos desse primeiro período referem-se principalmente à biblioteconomia como profissão e à ciência da informação, voltando-se à necessidade de caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários mais criativos, flexíveis e capazes de atuar em todos os campos (CARVALHO, 1983); à influência do caráter interdisciplinar da biblioteconomia na identidade profissional (NEVES, 1986); aos efeitos da interdisciplinaridade na pós-graduação, a partir do currículo da graduação (VIEIRA, 1983); às linhas de pesquisa pautadas nas relações entre ciência da informação e ciência humanas (VALLA, 1983); assim como pelo estudo da política governamental para a ciência e tecnologia (PEREIRA, 1981). Essa tendência temática foi reforçada pela tentativa de esclarecimento do próprio conceito de interdisciplinaridade (SOUZA, 1986), da relação entre essa postura e a indexação vetorial (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1989) e entre a comunicação científica e a interdisciplinaridade (VALOIS et al, 1989; BACCEGA, 1999). Observa-se, no conjunto dos oito trabalhos, a predominância de uma temática voltada ao profissional da informação, de modo especial ao bibliotecário e a sua formação, tendência perceptível ainda nos anos de 1990.

Nessa década destacam-se questões relativas às atividades em áreas de informação intensiva como turismo, propaganda, publicidade, transporte aéreo, seguro de saúde, construção civil, contabilidade, escritórios de advocacia e clínicas médicas (PACHECO; MOSTAFA, 1994) a relação entre pesquisa e interdisciplinaridade (COSTA, 1990, TARGINO, 1995; NJAINE, 1996), além do alerta para que se repensem os modelos éticos, legais, estéticos, culturais, profissionais e se redefinam paradigmas no próprio âmbito do trabalho (LEVACOV, 1997).

Entretanto o objeto de estudos dominante na década é a interdisciplinaridade da ciência da informação, discutida sob diversos enfoques tais como o da Epistemologia Histórica, em que se analisa a evolução da área desde o seu surgimento, em trajetória na qual

são ressaltadas as principais contribuições de teóricos e especialistas nos aspectos conceituais e metodológicos. O estudo aponta as transformações da área e as tendências relativas à interdisciplinaridade, conceitos, terminologia e ao objeto informação (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995). A evolução histórica da ciência da informação, seus processos e métodos, a interdisciplinaridade com outras áreas e o impacto provocado pela computação e automação para produzir, organizar e divulgar a informação são analisados por Braga (1995) e Mostafa (1996) nesse período em que também são relacionadas ao tema as áreas de arquivologia (JARDIM; FONSECA, 1995; OLIVEIRA, 1998) e biblioteconomia (CINTRA, 1996). A interdisciplinaridade é também analisada sob o enfoque das práticas profissionais relacionando-se aos critérios para o desenvolvimento de coleções de livros (ANDRADE, 1992) e à aquisição planejada de periódicos (MUELLER, 1992).

Convergindo para o eixo de preocupações aqui focado, 67% dos artigos do *corpus* foram editados na década de 2000, devendo-se levar em conta que esta ainda não findou. A tendência explica-se pela ênfase tardia dada ao tema, especialmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais, embora não dirigidos especialmente ao ensino superior, desvendaram uma preocupação presente especialmente a partir dos estudos sobre as questões epistemológicas relacionadas à ciência da informação e seu caráter disciplinar (CAMPESTRINI; VANDRESEN; PAULINO, 2000): à sua responsabilidade social em relação ao conhecimento científico (FREIRE; ARAÚJO, 2001; FREIRE, 2002); ao escopo e abrangência da ciência da informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003); às configurações interdisciplinares dos conhecimentos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; ORRICO, 2004); ao núcleo disciplinar da ciência da informação (GOMES, 2001); à oportunidade de diálogo intertemático da ciência da informação (DUMONT; BRUNO, 2003).

Os estudos sobre os temas transversais como componentes do currículo passam a ter importância especial a partir da publicação das diretrizes curriculares nacionais. Esse movimento converge ao fortalecimento da crítica aos modelos disciplinares rígidos, uma vez que as fronteiras e os limites de núcleos de conteúdo tendem a se reproduzir, reforçando domínios e transformam-se em barreiras disciplinares, autoregulamentadas e de certo modo vigiadas em seus próprios domínios. Perpetuam-se, assim como suas incongruências, produzindo claustros intransponíveis, construindo-se uma organização disciplinar estanque e rígida, redutora do conhecimento ao invés de construí-lo de forma completa, integrada e integradora (GALLO, 1997).

As perspectivas de mudanças a partir do reconhecimento dessa problemática têm sido freqüentes nos estudos da área de ciência da informação, especialmente no sentido de adequar currículos ao momento e às peculiaridades culturais, com propostas pertinentes ao dinamismo do atual cenário.

6 O CENÁRIO EPISTEMOLÓGICO DA COMPLEXIDADE E A ABORDAGEM TRANSVERSAL

Para uma melhor percepção da importância que os pesquisadores e cientistas da informação destinam à reflexão sobre a organização transversal do conhecimento, consideraram-se primeiramente os textos mais próximos do que se concebe como transversalidade, aceitando-se concepções do Instituto Paulo Freire [1998]. Segundo a instituição, a transversalidade e a transdisciplinaridade são princípios teóricos dos quais decorrem várias conseqüências práticas, tanto nas metodologias de ensino quanto na proposta curricular e pedagógica.

Considerando-se os elementos representativos da produção registrada, a presença pouco significativa do tema não inibiu as reflexões sobre ele, ao contrário, serviu de estímulo à mobilização da pesquisa em direção aos indícios qualitativos para melhor compreensão do quadro teórico desse domínio de reflexão teórica. Com a revocação dessa literatura e seu respectivo recorte, procedeu-se à análise de conteúdo, pela qual se observou um tímido e pouco expressivo cultivo do tema transversalidade, seja como foco principal dos textos, seja como tema correlato.

Assim, ao debruçar-se sobre a ciência e as revoluções científicas ocorridas no final do século XIX e início do século XX, Francelin (2004) argumenta que as rupturas e crises paradigmáticas proporcionaram o debate em torno de uma nova ciência, na qual o desenvolvimento do conhecimento se processa através de contextos relacionais e de complexidade. A mudança na relação do sujeito com o objeto toma parte no processo desmistificante da razão, sugerindo a necessidade de uma teoria do conhecimento aberta ao que o autor denomina de transversalidade de pensamento e a quase todos os eventos de ordem e de desordem que conduzam a uma pluralidade conceitual e metodológica. Este é o contexto no qual o autor situa a ciência da informação e se propõe a analisar o estatuto científico desse domínio na pós-modernidade, para o que realiza um estudo epistemológico, traçando uma

síntese do desenvolvimento do pensamento filosófico científico ocidental até a atualidade. A partir do referencial teórico da pesquisa, foram eleitas as categorias orientadoras da seleção e análise dos 37 artigos de periódicos da ciência da informação no Brasil, do período de 1972 a 2002, constatando que, nesse período, pouco se discutiu, em ciência da informação no Brasil, sobre as características relacionadas ao pensamento (filosófico) científico na pós-modernidade.

Com outro enfoque, o pensamento transversal é destacado enquanto condicionante para que a Sociedade da Informação se torne uma sociedade aprendente. Com as transformações nas formas de aprender, na era das redes, Assmann (2000), considera que “as novas tecnologias passam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas do conhecimento”.

Assumindo papel progressivamente ativo na configuração das ecologias cognitivas, essas experiências de aprendizagem complexas e cooperativas concebem o hipertexto não como uma simples técnica, mas como uma espécie de metáfora epistemológica para a interatividade. As redes e a conectividade podem abrir nossas mentes para a sensibilidade solidária. A Sociedade da Informação requer um pensamento transversal e projetos transdisciplinares de pesquisa e aprendizagem.

Embora integrando o tema transversal às áreas de saúde e educação, Bassinello (2004) expõe algumas reflexões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), especificamente o tema transversal relacionado à saúde partindo de um breve histórico acerca dos manuais de higiene. Segundo a autora, o Ministério da Saúde ressalta o período escolar como fundamental para a promoção da saúde, já que as crianças e jovens que se encontram nas escolas vivem a oportunidade de obter cada vez mais a adequação de hábitos e atitudes que vão sendo revistos, dependendo da idade. Delimitando como objeto de estudo os PCNs, – que é o instrumento utilizado hoje para nortear o trabalho dos professores em relação à educação e saúde –, já que o Ministério não dispõe de programa específico ao escolar, o estudo realiza a crítica à disciplinaridade e coincide com a preocupação desta pesquisa, cuja tese envolve a possibilidade de trabalhar transversalmente temas não constituintes de disciplinas autônomas, mas necessários à integração de saberes. Em termos de metas a serem atingidas, enquanto o movimento higienista buscava legitimar uma categoria, o PCN é um instrumento de uma política educacional que consagrou uma intervenção na organização e

cultura escolar. Conclui que a educação em saúde no âmbito do escolar deveria ser um processo interdisciplinar envolvendo os setores de saúde e educação.

7 CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS

Constatou-se pela análise do *corpus* uma crítica à praxis curricular de biblioteconomia e ciência da informação, cujos cursos desenvolvem-se de maneira disjunta e fragmentada. Esse fenômeno resulta em grades curriculares muito abrangentes. As disciplinas desdobram-se em vertentes de contextualização e profissionalizantes, as primeiras muitas vezes consideradas distantes da realidade do futuro profissional e as segundas, desenvolvendo saberes muito especializados, em instâncias estanques e com fronteiras rígidas, pretensamente autônomas. Esse sistema, reflexo do progresso cumulativo da ciência, começa a se mostrar incompatível, incapaz de dar conta da realidade social cada vez mais complexa, exigindo uma mudança nessa forma de pensar e de construir o conhecimento.

O cenário, obtido a partir da descrição dos autores analisados, é sintetizado por Morin (2000) ao criticar os desenvolvimentos disciplinares que trouxeram não só os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só dificultam o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira.

Revela-se uma intencionalidade latente em prol de currículos que por um lado permitam a inclusão dos chamados temas transversais, e por outro assumam uma configuração transversal como método de facilitar a relação entre saberes nos cursos de ciência da informação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Diva Carraro de. Critérios para aquisição de livros: o caso das ciências sociais e humanidade. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 40-55, jan./jun. 1992.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, 2000.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação & educação: do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 176-187, 1999.

- BARBIER, R. **L'écoute sensible en sciences humaines**. Paris: Anthropos, 1997.
- BASSINELLO, Greicelene A. H. A saúde nos parâmetros curriculares nacionais: considerações a partir dos manuais de higiene. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 34-48, dez. 2004.
- BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 84-88, 1995.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.
- CAMPESTRINI, Danilo; VANDRESEN, Vilmar; PAULINO, Luciana. Interdisciplinaridade: a filosofia como instrumento de diálogo entre as ciências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 5, n. 5, 2000.
- CARVALHO, Abigail de Oliveira. Repercussão da reforma do currículo de graduação em biblioteconomia sobre a pós-graduação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 299-310, 1983.
- CINTRA, Anna Maria Marques. Subjetividade e interdisciplinaridade na biblioteconomia. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 32-43, 1996.
- COSTA, Antônio Felipe Corrêa da. Ciência da informação: o passado e a atualidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 137-144, 1990.
- DUMONT, Lígia Maria Moreira; BRUNO, Pedro Paulo Costallat. Ciência da informação e oportunidade de diálogo intertemático: onde nem tudo é relativo e nem (absolutamente) racional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 28-39, 2003.
- FRANCELIN, Marivalde Moacir. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p.49-66, 2004.
- FREIRE, Isa Maria. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 175-197, 2002.
- FREIRE, Isa Maria; ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Tecendo a rede de Wersig com os indícios de Ginzburg. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2001.
- GALLO, Silvio. Conhecimento, transversalidade e educação: para além da interdisciplinaridade. **Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Piracicaba, SP, v. 10, n. 21, 1997.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Teoría de la indización: nuevos parámetros de investigación. **Transinformação**, Campinas; v. 1, n. 2, p. 147-159, 1989.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e ciência da informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Escopo e abrangência da ciência da informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2003.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. As políticas institucionais das configurações interdisciplinares dos conhecimentos: repercussões nas políticas de informação e nas práticas de avaliação. **DataGramZero**, Rio De Janeiro, v. 5, n. 6, 2004.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Programa de Educação Continuada**: inter-transdisciplinaridade e transversalidade, [1998]. Disponível em: <http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_48.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila Kahl. As relações entre a arquivística e a ciência da Informação. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 41-50, 1995.

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r)evolução? **Ciência da Informação**, Brasília; v. 26, n. 2, p. 125-135, 1997.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal: Europa-América, 1994.

MOSTAFA, Solange Puntel. Ciência da informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 305-307, 1996.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Periódicos estrangeiros prioritários para o ensino e a pesquisa da ecologia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 32-39, 1992.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. O bibliotecário e o atual contexto social. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 23-26, 1986.

NJAINE, Kathie. Comunicação e transferência da informação na prática interdisciplinar da pesquisa. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro. v. 2, n. 1, p. 49-56, 1996.

OLIVEIRA, Adriana Xavier Gouveia de. Organizar acervos particulares: tarefa nada fácil. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 5-16, 1998.

- PACHECO, Márcia; MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de informações: o mercado emergente. **Transinformação**, Campinas, v. 6, n. 1/2/3, p. 96-123, 1994.
- PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Geração, comunicação e absorção de conhecimento científico-tecnológico em sociedade dependente: um estudo de caso: o programa de engenharia química - COPPE/UFRJ - 1963-1979. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 9-25, 1981.
- PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, 1995.
- POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 4-16, 2005.
- SANTOS, Akiko et al. **Transdisciplinaridade na universidade**. In: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Laboratório de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares. 2005. Disponível em: < <http://www.ufrj.br/leptrans/> >. Acesso em: 15 mar. 2008.
- SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M.; KOBASHI, Nair Y. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, fev. 2004.
- SOUZA, Sebastião de. Informação, cosmovisão, interdisciplinaridade e biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 89-96, 1986.
- VALOIS, Eliana Candeira; RAMOS, Marcos Gonçalves; RODRIGUES, Nilo Sérgio Silva, ESTEVÃO, Silvia Ninita de Moura. Comunicação científica e usuários: elementos de discussão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 28-34, 1989.
- VIEIRA, Anna da Soledade. Caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 250-263, 1983.